I.

Orçamento proposto para a União Europeia prevê cortes de cerca de 5% nas verbas para a Política de Coesão e para a Política Agrícola Comum. O executivo comunitário defende a modernização de ambas e considera tratar-se de um orçamento razoável e realista.

Nas eleições locais inglesas: líderes conservadores e trabalhistas satisfeitos com resultados. UKIP, partido pró-Brexit foi o grande derrotado.

E nesta edição ainda: emissões de carbono aumentam na União Europeia.

II.

### Jean-Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia

Propomos para o período que se segue um orçamento razoável, realista de 1279 biliões de euros, ou seja, 1,11% do PIB da União Europeia. Por isso, tivemos de aceitar, por vezes contrariados, reduções nas políticas existentes. Isto afecta na realidade a Política Agrícola Comum e a Política de Coesão.

Palavras do presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, durante a apresentação da proposta do orçamento plurianual para o período de 2021-2027.

Um orçamento pragmático, nas palavras da Comissão, que compensa a perda de receitas decorrente do Brexit. Propõem-se cortes de cerca de 5% na Politica Agrícola Comum e na Politica de Coesão, importantes eixos de desenvolvimento da União Europeia. Defende-se também a modernização destas duas políticas.

O Comissário Europeu para a Agricultura, Phil Hogan, disse que Portugal não vai sofrer cortes nos pagamentos directos aos agricultores.

### Phil Hogan, Comissário Europeu para a Agricultura

No que se refere a pagamentos por hectare, não haverá redução de pagamentos directos para países como a Roménia, Eslováquia e Portugal. No que se refere a pagamentos individuais aos agricultores, quando temos em conta o sistema de limite máximo e o da redistribuição de pagamentos, que vamos introduzir, percebemos que o impacto destes cortes vão ser menores para os pequenos e médios agricultores.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional.

Victor, a proposta foi feita, agora está nas mãos dos países-membros melhorar esta proposta de orçamento. Pedia-lhe, primeiro, uma reacção aos números.

Todos os orçamentos, quer os nacionais, e, sobretudo, os da UE são altamente políticos. Têm implicações em termos de escolhas, em termos da estratégia a seguir, em termos das prioridades e é evidente que o novo orçamento mostra claramente quais serão as prioridades que a Comissão Europeia vai propor para os próximos anos. Mas por outro lado, este é o primeiro orçamento que terá lugar depois do Brexit, ou seja, é um orçamento em que vai ser preciso colmatar o buraco deixado pela saída do Reino Unido. Tem um buraco de cerca de 13 mil milhões de euros por ano e isso evidentemente também tem implicações em termos orçamentais.

## E a agricultura, faz sentido este corte num sector tão decisivo?

Tudo depende de como se encaram estas coisas. No passado e até agora, o sector agrícola tem recebido cerca de 40% do total dos gastos da União Europeia e há quem pense que está na altura de se reduzir um pouco esse tipo de apoio ao sector agrícola. A verdade é que muitos agricultores não beneficiam deste apoio e que apenas os países com uma agricultura mais desenvolvida e os países em que há uma agricultura muito comercial é que acabam por beneficiar destes apoios agrícolas. Também é verdade que alguns desses apoios têm muito a ver com o excesso de produção que existe na União Europeia de certos produtos agrícolas, nomeadamente o leite. O leite continua a ser altamente subsidiado pela União Europeia. É evidente que passar de uma situação em que os subsídios agrícolas são muito elevados para uma situação em que gradualmente se diminuirá o peso desses subsídios, isso tem um impacto muito grande ao nível estrutural em relação à agricultura e evidentemente leva a reacções muito grandes.

### Temos também os cortes na coesão social.

Aquilo a que nós chamaríamos o apoio ao desenvolvimento regional. Este tipo de orçamento é um orçamento muito importante. Tem desempenhado no passado uma função fundamental que é permitir a certas regiões menos desenvolvidas do espaço europeu atingir um grau de desenvolvimento que seja mais próximo da média geral. O corte que é desta vez proposto que é de cerca de 7% é um corte que nomeadamente os países de Leste consideram que os atinge directamente e que mostra uma vez mais que a União Europeia está dividida entre os países da Europa Ocidental e os países de Leste e que os países de Leste são os irmãos pobres da União Europeia.

O líder húngaro Viktor Orbán já disse que não quer gastar nem um tostão com a migração. E uma das mudanças neste orçamento implica esta área. Temos uma Europa dividida a este respeito, Viktor.

A realidade é que a proposta da União Europeia é passar de 12 mil milhões de euros para 33 mil milhões de euros no que diz respeito ao apoio aos refugiados e às migrações. Mas também uma boa parte deste dinheiro é destinada à protecção das fronteiras e é destinada a apoiar refugiados que estão em países fora da União Europeia e nomeadamente na Turquia ou na Jordânia ou no Líbano.

Já no que diz respeito à Investigação, Ciência e Inovação, o comissário europeu da pasta, Carlos Moedas, elogiou a proposta. Vamos ouvir as declarações do português.

## Carlos Moedas, comissário responsável pelas pastas da Investigação, Ciência e Inovação

Um orçamento que tem boas notícias para aquele que é o futuro da Europa, no sentido que vamos investir mais em Ciência e em Inovação e em digital e tudo o que é a competitividade europeia.

# Uma aposta de 100 mil milhões nesta área, a maior subida de sempre. Isto é a Europa a querer pôr dinheiro no futuro?

Eu penso que sim. Aliás, enquanto continuar a apoiar uma agricultura, que é uma agricultura de desperdício, que na realidade produz para depois se deitar fora, o que nós temos que fazer é apontar para uma economia moderna, uma economia virada para a pesquisa científica, virada para a tecnologia e é nesse sentido que vai esta proposta da Comissão Europeia. Também é importante frisar que há também um apoio significativo dos fundos destinados ao intercâmbio de jovens. A Comissão Europeia quer duplicar os fundos destinados ao programa Erasmus, dos programas que mais permite criar um espírito europeu dentro das novas gerações e permite aos jovens que serão os líderes de amanhã adquirirem uma visão da Europa que é totalmente diferente da visão que nós os mais velhos temos que é ainda uma visão ainda muito baseada nas nacionalidades, muito baseada nas fronteiras nacionais.

#### III.

Victor Ângelo em reacção à proposta de orçamento para a União Europeia. Um orçamento que reflecte a saída do Reino Unido do bloco comunitário.

E o Brexit continua a dividir Inglaterra. Nas eleições locais, os conservadores de Theresa May salvam-se de um fracasso. Já os trabalhistas elegeram mais candidatos e consideram os resultados "sólidos", como nos conta a jornalista Ana Isabel Dias.

Quase dois anos depois do referendo, o Brexit ainda domina a política britânica. O país continua dividido e os resultados das eleições locais em Inglaterra foram prova disso.

Dados finais revelam que o partido Trabalhista elegeu 2.310 vereadores, os Conservadores 1.330, os Liberais Democratas, 536, os Verdes 39, o UKIP três, enquanto outros partidos e independentes somaram 143 lugares. São números considerados satisfatórios pelos líderes do partido Trabalhista, Jeremy Corbyn, e pelo partido Conservador, Theresa May.

Corbyn considerou os resultados "sólidos". Os trabalhistas conquistaram Plymouth, Traffor e Kirklees.

Já o partido de Theresa May venceu em Barnet e em Redditch, garantiu o controlo de Basildon e também Peterborough.

Aqui beneficiou da queda da popularidade no UKIP – UK Independence Party, que foi o grande derrotado. Este partido eurocéptico perdeu quase todos os assentos que tinha desde 2014.

Uma projecção dos votos a nível nacional realizada pela BBC revela um empate de 35% dos trabalhistas e conservadores.

## Victor, temos o Brexit ainda a assombrar o país. E temos o fracasso do UKIP, líder da campanha pelo Brexit.

Este esmagamento, digamos assim, do UKIP mostra que as pessoas consideram hoje, dois anos depois do referendo que o UKIP tinha mentido sobre a saída e as vantagens que existiriam se o Reino Unido saísse da União Europeia e o UKIP é hoje provavelmente o partido que perdeu praticamente toda a sua credibilidade.

Os trabalhistas não conquistaram Barnet, a norte de Londes, onde vive uma expressiva comunidade judaica. As acusações que Corbyn enfrenta de antisemitismo terão influenciado aqui os resultados?

A questão dos judeus e da população judaica no Reino Unido continua a ser uma questão sensível, a população acha que esse tipo de descriminação faz parte do passado e não deveria de modo algum estar ainda na agenda política, mas a verdade é que ele ainda não conseguiu – Jeremy Corbyn não conseguiu - retirar da agenda política as acusações que têm sido feitas contra ele e contra o seu partido de ser anti-semita.

Do lado dos conservadores, temos a demissão de Amber Rudd, ministra do Interior após o escândalo relacionado com a geração *Windrush*, imigrantes de origem caribenha que chegaram ao Reino Unido após a Segunda Guerra Mundial. Nos últimos tempos, aqueles que não puderam comprovar cada ano vivido no Reino Unido, foram ameaçados de deportação. Nalguns casos mesmo, privados de serviços sociais básicos. Que dizer disto?

O Ministério do Interior tem tratado as pessoas que não têm documentos em dia ou que não conseguem provar que residem legalmente no Reino Unido,

têm tratado essas pessoas de uma maneira muito desumana e isso evidentemente também prejudicou a imagem não só da ministra, mas como também de Theresa May que tinha sido anteriormente ministra do Interior e evidentemente ligou ao partido conservador a etiqueta de que é um partido sem qualquer humanidade.

## A situação poderá ter algum impacto junto de outros europeus a viver no Reino Unido para quando se der o Brexit?

Isto foi visto pelos cidadãos europeus que vivem no Reino Unido como um alerta no sentido de que se isto acontece em relação aos caribenhos que estão aqui há dezenas e dezenas de anos e que na realidade têm uma cultura muito próxima da cultura britânica, que falam inglês como qualquer outro inglês e como qualquer outro britânico. Se isso acontece a esse tipo de pessoas, "o que é que nos vai acontecer a nós que continuas a ter um sotaque polaco ou um sotaque português ou um sotaque da Letónia e que depois do Brexit poderemos estar numa situação de precariedade em termos da possibilidade de continuar a residir no Reino Unido". Ou seja, isto deixou muita gente vinda da Europa e residente neste momento na Grã-Bretanha numa situação de alguma preocupação.

#### IV.

E ainda na actualidade europeia: As emissões de dióxido de carbono aumentaram no bloco comunitário 1,8% em 2017. Portugal registou a quinta maior subida. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

De acordo com estimativas do gabinete de estatísticas da União Europeia, em 2017 as emissões de dióxido de carbono aumentaram no bloco comunitário 1,8% em relação ao ano anterior.

A maior subida registou-se em Malta - mais 12,8% - seguindo-se a Estónia com um aumento anual de 11,3%, e depois a Bulgária, com uma subida de 8,3%, e Espanha, com um aumento de 7,4% em termos anuais.

Portugal é o quinto país com a maior subida de emissões de dióxido de carbono provenientes do uso de energia: 7,3%.

Dos 27 países com registos, apenas sete apresentam quedas dos números. Houve um recuo na Finlândia, na Dinamarca, no Reino Unido, na Irlanda, na Bélgica, na Letónia e na Alemanha.

De acordo com a Eurostat, as emissões de dióxido de carbono contribuem significativamente para o aquecimento global e representam cerca de 80% do total de gases com efeito estufa em toda a União Europeia.

## Victor, que leitura é que se pode fazer deste aumento?

Muita gente faz a leitura seguinte: como houve uma retoma da actividade económica, houve evidentemente mais emissões de dióxido de carbono. Eu

penso que é provável que isso seja uma das explicações, mas a verdade é que a União Europeia tem aqui grande um desafio. A União Europeia comprometeu-se a reduzir as emissões de dióxido de carbono em cerca de 40 por cento dentro dos próximos 20 anos e vai ter muitas dificuldades em conseguir esse objectivo.

Emmanuel Macron disse recentemente durante a viagem aos Estados Unidos: Não temos um planeta B e os Estados Unidos ainda vão regressar ao Acordo de Paris. Esta parece ser uma possibilidade?

Uma grande parte dos dirigentes dos estados que compõem os Estados Unidos e uma grande parte dos dirigentes das câmaras municipais mais importantes nos Estados Unidos são a favor do Acordo de Paris e isso é que é importante. Ou seja, haverá uma aplicação dos princípios e dos objectivos do Acordo de Paris ao nível local dos EUA e se isso continuar nessa direcção é evidente que é importante. Ao nível nacional, a grande preocupação neste momento é a expansão que se tem estado a notar nos Estados Unidos da exploração do petróleo de xisto, quando se sabe que esse tipo de exploração tem um custo enorme em termos de meio ambiente.

Outro acordo que Washington esta a querer abandonar é o Acordo Nuclear do Irão. Dia 12 de Maio, Trump vai falar ao mundo sobre isto. Qual diria que será a decisão do presidente norte-americano?

A minha previsão é a de que neste Sábado, o presidente vai anunciar a saída do acordo. Todas as indicações, incluindo a conferência de imprensa do primeiro-ministro de Israel, com aqueles gráficos e todos aquele dossiers que ele expôs; o que tem sido dito todos os dias pelos conselheiros do presidente norte-americano, e nomeadamente pelo secretário de estado. Tudo isso me leva a crer que o presidente vai sair do acordo com o Irão. Também as indicações que nos temos vindas de Teerão é que Teerão não estará disposto a negociar novas cláusulas que seriam acrescentadas ao acordo. É preciso não esquecer que a negociação do acordo nuclear com o Irão foi muito difícil, demorou vários anos, exigiu muitas reuniões, muitas cedências de parte a parte e eu penso que neste momento abrir novamente uma frente de negociações com o Irão com mais exigências, com mais sanções etc, serve apenas para satisfazer, digamos assim, a política americana mas na realidade não permitirá chegar a um acordo de um outro tipo com o Irão.

### ٧.

E para a semana voltamos com Victor Ângelo e com a actualidade europeia.

E ainda o nosso habitual apontamento de cultura.

Ficou decidido que este ano o Nobel da Literatura não será entregue. O anúncio foi feito pelo presidente da Fundação Nobel, Carl-Henrik Heldin, e acontece numa altura em que a Academia está a ser afectada por alegações de abuso sexual e escândalos financeiros que levaram à demissão de sete membros da Academia Sueca.

Esta é a primeira vez que, em tempos de paz, o prémio não é atribuído.

Antes de terminar, recordo que já amanhã, 9 de Maio, é o dia da União Europeia.

As várias instituições europeias em Bruxelas, Estrasburgo e Luxemburgo vão estar de portas abertas. Pode visitar o Parlamento, a Comissão Europeia, ou por exemplo o Tribunal de Justiça.

Pode apontar ainda na agenda: entre 10 a 12 de Maio realiza-se a conferência anual *The State of the Union*, que tem como tema "Solidariedade na Europa": sessões onde se discutem políticas económicas, monetárias, de desenvolvimento social ou migração e segurança vão ter lugar por estes dias em Florença.

Para o último dia estao progamadas actividades culturais nos Arquivos Históricos da Uniao Europeia na Villa Salviati.

Nós ficamos por aqui, até para a semana!

## [ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, cofinanciada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + Estamos no Facebook em Magazine Europa.